

O caso Samarco no *Jornal Nacional*: a exploração do caráter emocional da televisão na cobertura jornalística de um desastre ambiental

The Samarco case in *Jornal Nacional*: The exploration of the emotional character of television in the journalistic coverage of an environmental disaster

Cristiane Finger

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Av. Ipiranga, 6681, Partenon, 90619-900, Porto Alegre, RS, Brasil. cristiane.finger@pucrs.br

Douglas Carvalho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. R. Ramiro Barcelos, 2705, Campus Saúde, Santana, 90035-007, Porto Alegre, RS, Brasil. douglasgravatai@yahoo.com.br

Resumo. O presente artigo busca compreender as estratégias empregadas pelo telejornalismo para explorar o caráter emocional da televisão. Parte de reflexão formulada por Ferrés (1998), segundo a qual a experiência da recepção televisiva é predominantemente influenciada pelas emoções do telespectador. A fim de atingir o objetivo proposto, o trabalho dedica-se a verificar de que maneira os três personagens mais recorrentes na narrativa telejornalística – vítima, mocinho e vilão (Coutinho, 2012) – são acionados e construídos pela instância de produção com o intuito de despertar comoção na audiência. Em termos de referencial teórico, utiliza também contribuições de Charaudeau (2009), Fechine (2008) e Wolton (1996). Como objetos de análise, debruça-se sobre reportagens do *Jornal Nacional*, da Rede Globo, acerca do caso Samarco, maior desastre ambiental do Brasil. Conclui que a abordagem do programa destaca o papel das vítimas na tragédia, buscando despertar a empatia e o envolvimento do espectador, e negligencia atenção a aspectos fundamentais da notícia.

Palavras-chave: televisão, telejornalismo, emoção, *Jornal Nacional*, caso Samarco.

Abstract. This paper intends to understand the strategies used by telejournalism in order to explore the emotional character of television. Its starting point is a reflection by Ferrés (1998), for whom the experience of television reception is predominantly influenced by the viewer's emotions. In order to achieve its objective, the article tries to discover how the three most recurring characters in the telejournalistic narrative – victim, good guy, and villain (Coutinho, 2012) – are activated and built by the production instance to touch the audience. In relation to the theoretical reference, it uses contributions from Charaudeau (2009), Fechine (2008), and Wolton (1996) as well. The objects of analysis are reports from *Jornal Nacional* (Rede Globo), about the Samarco case, the biggest environmental disaster in Brazil. It concludes that the program emphasizes the role of victims, intending to touch and involve the viewers, and denies attention to fundamental aspects of the news.

Keywords: television, telejournalism, emotion, *Jornal Nacional*, Samarco case.

Introdução

A fruição da mensagem televisual consiste em uma experiência que mobiliza intensamente o telespectador. A televisão influencia a audiência à medida que ajuda a moldar a maneira como cada indivíduo relaciona-se com o próprio veículo e com a realidade à sua volta. Tal incidência da TV dá-se de modo sutil e, conforme definição de Ferrés (1998), subliminar.

Quando se assiste à televisão, costuma-se adotar uma postura de fascínio e relaxamento, o que produz consequências sobre a razão e a emoção do espectador. Ao passo que a via racional se abranda, a emocional se torna mais vulnerável e acaba orientando a interação entre a pessoa e o enunciado televisivo. “Tende-se a pensar que os telespectadores são influenciados fundamentalmente desde a razão, quando na realidade são influenciados primordialmente desde as emoções”, assegura o autor (Ferrés, 1998, p. 13).

A construção emocional guiada por meio da TV dialoga, no processo de recepção, com a percepção sensorial da imagem. A edição e a abordagem televisivas induzem, frequentemente, ao consumo instantâneo e irrefletido de seus conteúdos imagéticos, prescindindo de esforços intelectuais de interpretação. De modo geral, o ato de ver televisão trata-se mais de sentir e contemplar do que de elaborar racionalmente. Diante da tela, a audiência vibra em situações festivas e lamenta ao assistir a cenas trágicas. Reage-se à TV com os “olhos da emoção”.

Recepção de TV: uma vivência audiovisual

Ao refletir sobre as características de duas modalidades distintas de televisão, as quais denomina de geralista e fragmentada, Wolton (1996) estabelece uma série de diferenças entre ambas. De acordo com o autor, a divergência mais básica reside no fato de que o primeiro tipo é concebido para consumo do público em geral, enquanto o segundo se volta a uma parcela específica de telespectadores.

No caso da geralista, o pesquisador defende que a televisão, ao atingir um conjunto vas-

to de indivíduos, desempenha um importante papel de integração social. Nesse sentido, o veículo teria a capacidade de atuar inclusive no âmbito de todo um país, colaborando decisivamente para construir e/ou ratificar uma identidade coletiva e nacional. Se se aplicar tal pensamento ao contexto brasileiro, verifica-se que a televisão é a única mídia a conectar simultaneamente, em torno do mesmo produto, diversos segmentos de público espalhados pelo país – o que ocorre, por exemplo, com telenovelas e telejornais, cuja audiência congrega pessoas que estão separadas em termos sociais, etários, econômicos, geográficos etc.

Os efeitos da televisão geralista devem ser compreendidos mediante a sua repercussão em um macroambiente descrito por Wolton (1996) como de uma sociedade individualista de massa, em que a prática e a valorização da liberdade individual coexistem com movimentos democráticos e de nivelamentos sociais. Diante desse cenário, o autor formula o conceito de laço social, segundo o qual a TV unifica e, de certa maneira, aproxima os telespectadores, ao mesmo tempo em que permite à sociedade enxergar a si mesma.

É uma espécie de common knowledge, um duplo laço e uma antecipação cruzada. “Assisto a um programa e sei que outra pessoa o assiste também, e também sabe que eu estou assistindo a ele”. Trata-se portanto, de uma espécie de laço especular e silencioso. [...] Ao fazer a sociedade refletir-se, a televisão cria não apenas uma imagem e uma representação, mas oferece um laço a todos aqueles que a assistem simultaneamente (Wolton, 1996, p. 124).

A televisão engendra, conforme o pesquisador, um mecanismo de abertura à realidade, um portal de acesso ao mundo, ao alcance de cada indivíduo e do público como um todo. Além disso, a TV consegue suscitar no espectador a impressão de integrar uma ampla coletividade desde o seu ambiente de recepção e conforma vínculos imaginários entre pessoas e grupos sociais, bem como institui comunidades virtuais e simbólicas, reafirmando-as cotidianamente.

Fechine (2008) interpreta o ato de ver televisão sob o prisma da Semiótica¹. Ao postular que o sentido produzido pela experiência tele-

¹ A autora filia-se a uma corrente da Semiótica interessada nos significados que são produzidos nas e pelas situações e sentidos pelos sujeitos. Pesquisa, em suas palavras, “uma semiótica das próprias experiências sensíveis” (Fechine, 2008, p. 88). Tal abordagem diverge da linha mais tradicional dessa ciência, que se ocupa prioritariamente de desvelar aspectos semânticos atinentes a objetos signíficos consolidados (como textos escritos, por exemplo).

visiva está na construção de um regime de presença, a pesquisadora destaca que o contato entre a TV e o telespectador gera neste a sensação de vivenciar uma temporalidade e uma espacialidade específicas. Para Fachine (2008), ao se assistir a um programa de televisão, especialmente transmissões ao vivo (às quais a autora dedicou maior enfoque no estudo em questão), “vive-se” um *aquí* e um *agora* que não são nem o espaço e o tempo da enunciação nem os da recepção, mas sim o resultado da sobreposição dessas instâncias comunicativas.

No tocante à temporalidade que emerge do sentido de presença construído durante a transmissão, Fachine (2008) salienta que pode ocorrer uma relação de concomitância ou de não concomitância entre o enunciado e o fato narrado. No primeiro caso, o discurso e o “mundo” compartilham o mesmo fluxo temporal, produzindo um “efeito de tempo real”. Já no segundo, a narração resgata um acontecimento consumado e, assim, lhe confere atualidade, o que redundará na conflagração de um “tempo permanentemente atual” (2008, p. 129). Quanto ao espaço, a dimensão constituída no âmbito da vivência audiovisual consiste, conforme a autora, em um local de interação cujos sujeitos envolvidos situam-se em uma ambiência comum a todos (o que dialoga com o conceito de laço social, mencionado anteriormente). Esse *lugar* assemelha-se ao espaço simbólico de encenação próprio ao teatro e somente existe enquanto transcorre a experiência individual de contato com a televisão.

O poder emotivo da narrativa telejornalística

Em estudo acerca dos efeitos subliminares da televisão, no qual busca compreender os efeitos do veículo que não são percebidos pelo telespectador de forma consciente, Ferrés (1998) sustenta que a TV exerce influência na medida em que atua sobre as emoções do público. Na avaliação do pedagogo espanhol, a prática de se assistir à televisão costuma dar-se de maneira fascinada e destituída de profundas elaborações racionais. Assim, no processo experimentado pelo receptor, amaina-se a incidência do intelecto e sobressai a via emocional, que tende a condicionar a apreensão das mensagens televisivas. Ferrés (1998) observa que, nesse caso, o predomínio da emoção diz respeito à recepção, uma vez que não se deve desconsiderar o esforço racional empreendido pelos emissores na produção de conteúdos emotivos.

Conforme o autor, a televisão persuade por meio da sedução. Devido à postura inadvertida adotada pela audiência, os efeitos mais significativos da TV são inconscientes. Tal dinâmica, para Ferrés (1998), desestimula a criação de eventuais expectativas e desconfianças por parte do telespectador, cuja atitude de relaxado arrebatamento leva-o a esperar ações inofensivas da televisão. Trata-se de um fenômeno caracterizado pelo autor como uma “inversão do efeito placebo”, na qual “um produto aparentemente inócuo produz um efeito real precisamente pela falta de consciência de sua não inocuidade” (Ferrés, 1998, p. 35).

A televisão contribui, no entendimento do pesquisador, para o processo de socialização, que diz respeito às maneiras pelas quais cada pessoa, mediante a interação com as demais, desenvolve o seu modo de reagir ao mundo e de portar-se no ambiente social. Partindo do pressuposto de que as emoções constroem as percepções, o autor assinala que a TV, por sua influência emocional junto ao espectador, forma e reconfigura esquemas mentais que guiarão futuras interpretações da realidade.

O caráter socializador da televisão, pontua Ferrés (1998), reside em sua capacidade de produzir uma intensa carga de emoção mobilizadora. Nesse sentido, o pesquisador ressalta que “as emoções representam uma força, uma energia à qual é preciso dar uma saída. As imagens televisivas não apenas ativam emoções, como apontam a orientação que é preciso dar à energia, orientam a conduta, marcam uma direção para a ação” (Ferrés, 1998, p. 39). Na constituição da mensagem audiovisual, a imagem carrega, segundo o autor, considerável potencial socializador. Ao considerar que o impacto de uma imagem está diretamente relacionado a seu poder de choque, Ferrés (1998, p. 41) salienta que “qualquer imagem que gere emoções será socializadora”, posto que influi na liberação de energias e na sua posterior conversão em crenças, valores, comportamentos etc.

A reportagem telejornalística reúne as condições de retratar, com realismo, a força visual dos fatos. Na construção do acontecimento, o olhar do jornalista é tão importante quanto o da audiência. Em análise acerca da cobertura televisiva sobre os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, Charaudeau (2009) destaca que a informação noticiada pela televisão produz significados não somente por meio do conteúdo veiculado, mas também em função das possibilidades de interpretação do

espectador. Em sua reflexão sobre os efeitos de sentido suscitados pelo relato audiovisual, o pensador francês conceitua como imagem-sintoma aquela que tenha o poder de evocar outras. Trata-se de

uma imagem que remete para outras imagens, quer por analogia formal (a imagem de uma torre que se desmorona remete para outras imagens de torres que se desmoronam), quer por discurso verbal interposto (uma imagem de catástrofe aérea remete para todos os relatos que ouvimos sobre as catástrofes aéreas) (Charaudeau, 2009, p. 73).

A conformação de uma imagem-sintoma exige, de acordo com o autor, a mobilização de uma vasta e intensa gama de lembranças e sentimentos, bem como a maior simplicidade possível – no sentido de que a imagem reúna características facilmente identificáveis, num processo de negação da complexidade – e uma recorrência tanto atual como histórica. O *déjà vu* suscitado pelas imagens-sintoma desperta a impressão de que a cena enfocada já foi vista e sentida. Para Charaudeau (2009, p. 75), essa narrativa operada pela visualidade requer uma complementação verbal, a sua “colocação em argumento”.

A narrativa do telejornalismo segue, de acordo com Coutinho (2012), a estrutura dramática clássica. Conforme a pesquisadora, as matérias exibidas em telejornais são construídas a partir de preceitos da dramaturgia e apresentadas como um drama cotidiano. O modelo narrativo mais recorrente seria composto pelo seguinte esquema: uma apresentação, habitualmente feita na “cabeça”² da matéria, no sentido de se criar uma expectativa sobre o que será exibido; a exposição de um conflito, o qual funciona como ponto de partida da história; o desenvolvimento, que mostra os desdobramentos imediatos do dilema inicial; uma tentativa de solução, com as ações e reações ao conflito, a fim de se buscar resolvê-lo; e um desfecho.

Cada personagem da notícia/história desempenha, segundo a autora, um papel na narrativa, levando-a a se desenvolver. Alinhado à concepção tradicional de drama, o telejornalismo manteria forte conexão com a luta clássica entre o bem e o mal, razão pela qual os arquétipos de mocinho, vilão e vítima

representariam, aponta Coutinho (2012), os personagens mais frequentes nas matérias telejornalísticas. Outros tipos recorrentes seriam os de herói, *expert*, parceiro/aliado, mediador, concorrentes e musa/troféu em disputa.

O caso Samarco: breve histórico

A Barragem de Fundão rompeu-se na tarde de 5 de novembro de 2015, lançando à natureza bilhões de litros de rejeitos de mineração. Localizada no município de Mariana, em Minas Gerais, a estrutura pertencia à empresa Samarco, fundada em 1977. O principal produto da companhia são pelotas de minério de ferro, vendidas mundialmente para a indústria siderúrgica (Samarco, 2018). A pelota é utilizada na fabricação do aço, material empregado para se construir aviões e produtos eletrônicos, por exemplo. A Samarco é uma *joint-venture* (empreendimento conjunto) firmada entre a brasileira Vale S.A. e a anglo-australiana BHP Billiton Brasil Ltda e controlada por ambas em partes iguais.

Na atividade minerária, o processo de beneficiamento consiste em separar o minério bruto em duas partes: a que detém valor econômico e o rejeito. Conforme o Comitê Brasileiro de Barragens (2012), a Samarco gerava dois tipos distintos de resíduos na Unidade de Germano/Alegria: um mais fino, chamado de lama, e outro mais sedimentado, conhecido como rejeito arenoso. A instalação da Barragem de Fundão, construída em 2008, foi motivada por duas razões: a vida útil da Barragem de Germano (a única que, até então, recebia resíduos no local) estava próxima do fim, e havia sido implantada uma nova unidade de beneficiamento, que aumentou a produção de rejeitos. A estrutura de Fundão passou a guardar lamas e resíduos arenosos. Quando ocorreu o incidente, essas substâncias vazaram sobre outra barragem, a de Santarém, que armazenava água e estava situada geograficamente abaixo das de Germano e Fundão.

O rompimento liberou 50 bilhões de litros de rejeitos. De acordo com o Ministério Público Federal (2016), a enxurrada causou uma série de danos, tais como: 19 pessoas mortas; mais de 300 famílias desabrigadas; destruição de comunidades, como Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo (subdistritos de Mariana);

² Texto introdutório lido pelo(s) apresentador(es) de um telejornal antes da exibição de matérias gravadas ou de entradas ao vivo.

altos níveis de assoreamento e contaminação dos rios Gualaxo do Norte, do Carmo e Doce; devastação de 1,5 mil hectares de vegetação; morte de animais de diversas espécies – somente no rio Doce, foram identificados 28 mil peixes sem vida nos primeiros 50 dias da tragédia –; desabastecimento de água em municípios como Governador Valadares (MG) e Colatina (ES); poluição do Oceano Atlântico a partir da foz do rio Doce, junto à praia de Regência (ES), local de desova de tartarugas marinhas (também afetada pelo desastre); prejuízos socioeconômicos em diversos segmentos, como a pesca, o comércio, os serviços, a pecuária, a agricultura e o turismo; estragos à infraestrutura pública e privada e ao patrimônio histórico-cultural, arqueológico e paisagístico; arruinamento da relação cultural, espiritual e de subsistência mantida entre os povos indígenas e os recursos naturais; entre outros danos, morais e materiais.

A ministra do Meio Ambiente à época do rompimento da barragem, Izabella Teixeira, afirmou que a recuperação da bacia hidrográfica do rio Doce levaria, no mínimo, uma década (Ministério do Meio Ambiente, 2015). Teixeira foi sucedida na titularidade do ministério por Sarney Filho, que ocupava o cargo no período de fechamento deste artigo (início de março de 2018). Embora vinculados a governos politicamente opostos, Teixeira e Sarney convergem na afirmação de que esse é o mais significativo desastre ambiental brasileiro. Enquanto a primeira afirmou tratar-se da “maior catástrofe ambiental do país” (Agência Brasil, 2015), o segundo, ainda na condição de deputado federal, coordenou a comissão externa da Câmara dos Deputados criada para tratar do rompimento da barragem, cujo relatório final (do qual Sarney Filho foi signatário) considerou a tragédia como “o maior desastre ambiental do Brasil” (Câmara dos Deputados, 2016). Segundo análise realizada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o caso Samarco é a maior tragédia envolvendo barragens de rejeitos na História mundial (O Globo, 2015). A afirmação é do Professor Doutor Marcos Aurélio Vasconcelos de Freitas, coordenador executivo do Instituto Virtual Internacional de Mudanças Globais (Ivig), ligado ao Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia (Coppe/UFRJ).

A mineradora Samarco, suas controladoras e os governos Federal, de Minas Gerais e do Espírito Santo firmaram, em março de 2016, um Termo de Transação de Ajustamen-

to de Conduta (TTAC) (Ministério do Meio Ambiente, 2016). Visando garantir a recuperação integral dos danos causados pelo desastre, o acordo prevê que a Samarco invista de R\$ 18 a 26 bilhões na região afetada até 2030. O Ministério Público Federal (2016) ingressou, em maio de 2016, com uma ação civil pública contra a União, os governos mineiro e capixaba e as mineradoras envolvidas na tragédia. O documento exigiu a recuperação total dos danos e, de forma preliminar, estimou em R\$ 155 bilhões o investimento necessário para essa finalidade (montante consideravelmente maior do que o previsto no TTAC). O valor baseia-se no que já foi gasto na reparação dos danos causados por um vazamento da empresa *British Petroleum*, ocorrido em 2010. Para o Ministério Público Federal (2016), esse desastre teve proporções semelhantes às da tragédia de Mariana.

O caso Samarco pode ser considerado uma tragédia anunciada. Um laudo técnico, elaborado a pedido do Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) em 2013, alertou para os riscos decorrentes do contato entre a Barragem de Fundão e uma pilha de estéreis (rochas sem minério), esta sob responsabilidade exclusiva da Vale. Conforme o documento, a situação de proximidade entre as estruturas era inadequada para ambas, devido à possibilidade de o maciço da pilha se desestabilizar e de se potencializarem processos erosivos (Uol, 2015). Com base nesse laudo, o MPMG recomendou uma série de medidas preventivas, como o monitoramento periódico e a realização de estudos e projetos corretivos.

Conduzidas por diferentes órgãos públicos – Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) (2016) e Polícias Federal (G1, 2016) e Civil de Minas Gerais (Agência Minas, 2016) –, três investigações concluíram que um amplo conjunto de fatores contribuiu para o desastre acontecer. Entre as causas, destacam-se a ocorrência de processo de liquefação (redução repentina na resistência do sedimento sólido), a utilização da barragem acima da sua capacidade, falhas no monitoramento dos níveis de água e de umidade, deficiências de drenagem, o alteamento (elevação) excessivo da estrutura, o surgimento de grandes trincas, problemas no licenciamento ambiental, o uso de materiais de baixa qualidade na construção da barragem, a realização de alterações no eixo sem os devidos cálculos e projetos, a manutenção precária e a correção insuficiente de irregularidades. O MTPS aplicou 23 autos de infração contra a

Samarco, e as Polícia Civil e Federal indiciaram, respectivamente, sete e oito pessoas.

Da comoção à omissão

O caso Samarco recebeu, devido a sua relevância, ampla cobertura jornalística dentro e fora do país. Milhões de espectadores assistiram a tais acontecimentos por meio da televisão, veículo com potencial de exibir, de maneira explícita e detalhada, todo o impacto e a imensa carga visual de desastres ambientais desse porte. A fim de se buscar compreender os modos pelos quais o telejornalismo explora o caráter emocional da televisão, optou-se por analisar neste artigo o telejornal de maiores alcance e relevância do país: o *Jornal Nacional (JN)*, da Rede Globo.

A partir da proposta formulada e levando em consideração que os papéis mais recorrentes na narrativa do telejornalismo – vítima, mocinho e vilão (Coutinho, 2012) – serão utilizados, aqui, para se estabelecerem as categorias de análise, buscar-se-á verificar de que maneira a estrutura narrativa construída pelo telejornal ancora-se nos personagens citados para, por meio de elementos visuais e sonoros, tentar comover o espectador. Dentro desse processo de interpretação, pretende-se produzir conclusões válidas acerca da abordagem dada ao tema pelo *JN*.

O recorte aqui empreendido visa analisar matérias veiculadas em 5 de dezembro de 2015, data em que o rompimento da Barragem de Fundão completou um mês. Nesse dia, a edição do programa exibiu duas reportagens sobre o assunto. A primeira apresentou, em 2 minutos e 32 segundos, uma retrospectiva dos principais fatos relacionados ao desastre desde a sua eclosão. Nesse breve panorama, imagens da lama e da destruição foram cobertas por *offs*³ com dados sobre os danos e prejuízos. As ruínas de Bento Rodrigues servem como cenário para duas cenas: a passagem⁵ do repórter e a sonora⁵ de uma ex-moradora da localidade. Mostra-se também o destino de famílias que viviam no povoado, ora abrigadas em hotéis e casas alugadas. Aparecem, ainda, como fontes

outra sobrevivente e um bombeiro que participou do resgate das vítimas. Fechando o material, em uma nota pé⁶, os apresentadores falam rapidamente sobre desdobramentos judiciais do caso.

A passagem surge logo na abertura da matéria, com o repórter caminhando entre os destroços de Bento Rodrigues. A fala do jornalista (abaixo) remete ao dia do desastre e, ao rememorar o choque vivido pela equipe de reportagem diante do cenário de devastação, aciona estímulos emocionais para captar e envolver o telespectador.

As nossas equipes foram as primeiras a chegar aqui a Bento Rodrigues, no mesmo dia do rompimento da barragem da Samarco. Naquele momento, a gente ainda não tinha em mente o que ia encontrar pela frente. A gente sabia que era uma situação muito grave, mas não imaginava que era dessa maneira, nessa magnitude, nessa proporção. É impossível passar por essas cenas aqui e não imaginar como era a vida dessas pessoas antes e como ficou depois (Jornal Nacional, 2015a).

Ao mencionar que as dimensões do desastre superaram as expectativas dos jornalistas envolvidos na cobertura, o texto do repórter fundamenta-se na subjetividade de tais profissionais. A enunciada surpresa deles é, junto com as imagens, a métrica empregada na passagem para que a audiência compreenda o tamanho dos acontecimentos. Assentado em elementos subjetivos, esse efeito de sentido é ratificado pela figura do repórter em meio às ruínas tomadas de lama: tem-se, aqui, um personagem que revisita o local dos fatos e incentiva o compadecimento da audiência – tanto instigando diretamente a imaginação do receptor (“É impossível passar por essas cenas aqui e não imaginar como era a vida dessas pessoas antes e como ficou depois”) como pela via indireta da sugestão (levando o espectador a se identificar com o tom condoído do repórter e/ou com o próprio drama das vítimas relatado pelo profissional). Ainda no que se refere à passagem, cabe destacar a sua primeira frase, que valoriza o próprio trabalho da Rede Globo, cujas equipes foram “as primeiras a

³ Na linguagem técnica do telejornalismo, *off* é o texto lido pelo repórter quando este não aparece na tela e utilizado como fundo verbal e sonoro para as imagens que compõem uma matéria gravada.

⁴ Denomina-se passagem (também chamada de *stand-up*) o trecho de uma matéria em que o repórter aparece diante da câmera. Consiste em momento apropriado para a aparição do jornalista no local onde a notícia acontece e para a apresentação de informações importantes e/ou exclusivas, cuja credibilidade se reforça ao associar-se à imagem do repórter.

⁵ O trecho de uma matéria no qual aparece a fala editada de uma fonte recebe o nome de sonora.

⁶ Chama-se nota pé ao texto lido pelo(s) apresentador(es) de um telejornal após a exibição de uma matéria, como acréscimo às informações trazidas pelo repórter.

chegar” a Bento Rodrigues. Nota-se o esforço de conferir ares de heroísmo à emissora, uma questionável *heroína* que tenta demonstrar agilidade e credibilidade enaltecendo a si mesma.

Os depoimentos de uma ex-moradora e de um bombeiro intensificam o tratamento sentimental adotado pela reportagem – em um enquadramento que, em termos de impacto emocional, apresenta ambos os personagens como *vítimas* da mesma catástrofe (ainda que o segundo apareça, também, como um herói humanizado). Nos trechos de suas falas escolhidos para compor a matéria, emergem comovidas declarações: no primeiro caso, “O meu Bento antes era lindo. [...] O Bento agora é outro. Não é o meu Bento mais”; e, no segundo, “O meu coração corta sim, às vezes é uma emoção que dá vontade de chorar”. Assim como as sonoras, os textos ditos pelo repórter também caminham no sentido de uma abordagem que apela à emoção (especialmente à tristeza) – como, por exemplo, ao falar que a referida moradora “encontrou lembranças enterradas na lama” durante visita a Bento Rodrigues e que “as fotos nas paredes, sujas de barro, ainda emocionam quem vem aqui”.

A segunda reportagem da edição busca contar quem eram as vítimas fatais do desastre e como estavam, 30 dias após o início da tragédia, as pessoas que a ela sobreviveram. Com duração significativamente maior do que o habitual no programa – 5 minutos e 38 segundos – destacou, de início, os 19 mortos do caso Samarco. De modo sequencial, foram exibidas fotos⁷ de cada um deles junto a *letterings*⁸ que indicavam

sua idade e nome completo enquanto, ao fundo, o *off* mencionava características pessoais das vítimas, conforme transcrição a seguir.

Muita gente, talvez, já tenha esquecido de quem ficou pelo caminho. Mas quem conhecia o Cláudio, o Mateus, o Waldemir, esse cara que sonhava em morar no campo, não vai esquecer nunca. O Sileno também gostava muito de “tá” perto da natureza. O Samuel era o contrário, adorava ficar em casa, vendo filme. O Marcos e o Daniel faziam muito pela família. O Marcos Aurélio não perdia um churrasco com os amigos. Vida social mesmo o Edinaldo tinha pouca, mas aproveitava cada chance de ir “pro” forró. [...] De ontem “pra” hoje, quatro pessoas foram identificadas: dois trabalhadores – o Claudemir, que deixou um filho de cinco anos, e o Pedro, um cara cheio de amigos, que “tão” inconsoláveis – e duas moradoras de Bento Rodrigues – a Maria Elisa, que na hora da tragédia “tava” fazendo o que mais gostava, pescar, e a Maria das Graças. [...] “Pra” Defesa Civil, ainda existem quatro pessoas desaparecidas: o Antonio, que “pros” vizinhos era Totó, e três funcionários da barragem: o Ailton, que era o faz-tudo em casa, o Edmirson, que se enchia todo “pra” falar do filho único, cursando Medicina, e o Vando, que não perdia uma festa por nada. São várias as histórias jogadas na lama, mas talvez as mais chocantes sejam as do Thiago e da Emanuely. De idade, ele tinha sete e amava andar de bicicleta, como as muitas que ficaram enterradas. Ela tinha cinco e vivia desenhando pela casa com o irmão mais novo. O Nicolas ficou, a Emanuely se foi (Jornal Nacional, 2015b).

Entremeando a sucessão de fotos, apareceram sonoras de Ana Paula (esposa de Edi-



Figura 1. Bombeiro relata sua comoção diante da tragédia.

Figure 1. Fireman reports his commotion before the tragedy.



Figura 2. Frame da seqüência de fotos das vítimas fatais.

Figure 2. Frame of the sequence of fotos of fatal victims.

⁷ A única foto não mostrada (e substituída por um “boneco”) foi a da primeira vítima citada, Cláudio Fiuza, de 41 anos.

⁸ Textos inseridos na tela por meio de gerador de caracteres e normalmente utilizados para a identificação de locais e pessoas e/ou para a complementação de informações.

naldo), Marli (filha de Maria das Graças) e Pamela (mãe de Emanuely), todas manifestando a dor da perda de seus familiares. Posteriormente, veio a primeira passagem do repórter, mostrando a chegada de uma ambulância ao seu destino final. O veículo levava Wesley, esposo de Pamela, para casa. Sucederam a cena imagens do sobrevivente sendo recepcionado por amigos e parentes. A seguir, assiste-se à segunda passagem, dessa vez em meio à destruição de Bento Rodrigues. Em três tomadas diferentes, o repórter caminha entre barro e destroços: na primeira, detém-se diante de um automóvel que fora parar em cima de uma casa; protagoniza a segunda dentro de um imóvel destruído, onde retira com as mãos um pedaço da crosta de lama formada sobre as paredes; e mostra, na terceira, um quadro e um relógio que decoravam o interior de uma residência. No encerramento da matéria, alternam-se imagens de Bento Rodrigues e da família de Wesley. Há, por fim, uma nota pé dita pelo apresentador convidando o espectador a ver essa e outras matérias sobre o desastre no *site* do telejornal.

Com abordagem fortemente emotiva, a reportagem procura dar amplo destaque às *vítimas* do desastre, optando por focar um dos três papéis mais frequentes nas narrativas do telejornalismo. Ao mostrar fotos dos mortos, a matéria ressalta a dimensão humana da tragédia. A exibição sequencial do rosto dessas pessoas, inclusive de crianças, tem potencial de comover a audiência na medida em que a conduz a enxergar o desastre além dos números e dos danos materiais e ambientais. Permite ao espectador contemplar semelhantes que tiveram suas histórias de vida brutalmente interrompidas.



Figura 3. Um automóvel sobre as ruínas de uma casa, em Bento Rodrigues.

Figure 3. Car over the ruins of a house, in Bento Rodrigues.

Os sobreviventes também são vítimas. Nesse sentido, as entrevistas com pessoas que conseguiram escapar da tragédia detêm as condições de mobilizar instintos e sentimentos. A imagem de Wesley – que, mesmo ferido, retorna aos braços da família após testemunhar o desastre – personifica o desejo de sobrevivência de cada telespectador, que sempre tende a pensar: “se um dia uma tragédia me atingir, quero permanecer vivo”. A reportagem contém ainda diversas cenas com capacidade de despertar comoção, como a visita de uma sobrevivente à casa soterrada de sua falecida mãe, o abraço de Wesley em seus familiares e o choro daqueles que sofreram a perda de entes queridos.

No que se refere aos conceitos de imagens-sintoma e colocação em argumento (Charau-deau, 2009), é válido pensar que as matérias aqui analisadas – assim como, de modo geral, toda a cobertura jornalística do caso Samarco – utilizaram imagens com imenso potencial sintomático. Tais conteúdos evocam uma série de signos comuns à maior parte do público, como a imprevisibilidade da morte e a força da destruição (similares àquelas provocadas por outras ondas, como as de *tsunamis* e de lavas de vulcões, por exemplo).

Naquele dia, o *JN* exibiu cenas cinematográficas, que explicitaram o horror dos acontecimentos e que, com o passar do tempo, se tornariam símbolos da tragédia. A imagem de um carro sobre uma casa e as tomadas aéreas da devastação em Bento Rodrigues, por exemplo, são cenas de impacto imediato, fácil entendimento e apelo emocional, as quais remetem a outros momentos de devastação que moram no inconsciente coletivo – como os cenários pós-guerra, tomados por ruínas e tristeza.



Figura 4. Repórter retira com a mão um pedaço de lama seca.

Figure 4. Reporter takes a piece of dry mud off with his hand.

Além disso, ao tratar de situações já ocorridas (o rompimento da barragem e a destruição do povoado), as matérias injetam atualidade aos fatos mostrados. Constitui-se, nesse caso, um tempo permanentemente atual (Fechine, 2008), conforme noção apresentada anteriormente. Assim, o enunciado atualiza a notícia, a tragédia e a dor, aproximando-as da audiência.

Na construção dramatúrgica da notícia, os dois repórteres atuam como narradores. Ao surgirem caminhando em meio ao cenário de desolação deixado pela onda de lama, conduzem o telespectador por entre as ruínas. Como mencionado no referencial teórico do artigo, a experiência televisiva produz uma temporalidade e uma espacialidade especiais (Fechine, 2008). A figura dos jornalistas em Bento Rodrigues fortalece o sentido de presença instituído pela televisão, fomentando na audiência a sensação de vivenciar um tempo e um espaço específicos – nos quais o espectador, de certa maneira, interage com o local da tragédia e, também, com o momento em que ela ocorreu (visto que na segunda matéria, por exemplo, o teor da narração do repórter remete àquela ocasião e a câmera focaliza, em meio aos destroços, um relógio de parede com os ponteiros parados, indicando o horário em que a onda chegou). Cabe ressaltar que, no âmbito da recepção, o contato com o *aqui* e o *agora* do desastre pode instigar os sentimentos de empatia e de solidariedade em relação às vítimas.

O visual do repórter é um fator que contribui não apenas para a credibilidade do enunciado, mas também para reforçar a sua presença no local dos fatos e, assim, intensificar a experiência do telespectador. Além de aparecerem com o vestuário manchado por uma poeira de coloração marrom avermelhada, os repórteres incorporam aqui, de modo literal, o mandamento jornalístico de por o pé no barro. E vão além: na segunda passagem da segunda matéria, a fim de mostrar os rastros deixados pela onda, o repórter bate com a mão em uma rija cobertura de lama incrustada em uma parede e, ato contínuo, arranca um pedaço dessa camada de barro solidificado. Torna-se explícita, nesse caso, a tentativa de autenticação do relato via presença do jornalista, cuja experiência tátil ajuda a elaborar o sentido *sentido* pela audiência. Por meio do gesto do repórter, o espectador “toca” a lama – tendo, assim, um estímulo a mais para “entrar” na história, comover-se com a tragédia e lamentá-la.

Nas duas matérias, os repórteres desempenham a sua função primordial de contar a

notícia. Em suas vozes, empregam um tom de consternação – por vezes, no limiar da resignação. Logo, não buscam imparcialidade, mas também não manifestam qualquer tipo de contestação aos fatos narrados. Seria ingênuo esperar que sua abordagem exalasse revolta, devido ao fato de as matérias terem sido produzidas pela maior rede de emissoras de TV do país, empresa com fortes interesses políticos e econômicos (os quais, seguidamente, se coadunam com os de outras organizações poderosas, como mineradoras e multinacionais). Contudo, a grandiosidade do desastre justificaria o emprego de um viés mais crítico do que o adotado.

Cabe aqui recordar uma reflexão de André Trigueiro (2003), repórter da Rede Globo. Para ele, a neutralidade não deve ser uma meta na cobertura de temas socioambientais, posto que o jornalista é, antes de tudo, um cidadão. O autor postula que o Jornalismo seja defensor da “sustentabilidade, do uso racional dos recursos naturais, do equilíbrio que deve reger a relação do homem com a natureza [...] e de tudo aquilo que remete à ideia de um modelo de civilização que não seja predatório e suicida” (Trigueiro, 2003, p. 88-89).

Nas reportagens analisadas, evidenciam-se as vítimas, porém se oculta qualquer *vilão*. Não há nenhuma menção às possíveis causas da tragédia. Mesmo na primeira matéria, que traça um histórico do caso Samarco, as mineradoras envolvidas são poupadas (há somente uma referência circunstancial a elas em uma nota pé). Portanto, nas duas reportagens dedicadas ao tema nesta edição do programa, não se pratica uma abordagem cidadã, preocupada em explicitar que a lama e as vítimas não são frutos do acaso.

Nesse caso, os ensinamentos de Trigueiro (2003) não foram transpostos para o campo da prática. Nas matérias aqui focalizadas, faltou contestação, sobrou lamento. Denotando solidariedade às vítimas, os repórteres adotaram uma atitude de tristeza e perplexidade. Se tivessem somado tais sentimentos a uma consciência crítica, poderiam ter abordado e problematizado a mesma pauta – o drama das vítimas – de maneira mais contextualizada, explicando os possíveis porquês de toda aquela dor. Nesse caso, reuniriam as condições de não apenas comover a audiência, mas também (ainda pela via da emoção, que rege a recepção televisiva) contribuir para a construção da cidadania e do pensamento crítico do espectador, ao promover uma socialização que desencadeia energias

mobilizadoras de opiniões e atitudes (Ferrés, 1998). É presumível que, se assim o fizessem, soassem como *mocinhos* ou *heróis*, atuando no combate aos vilões da história.

Considerações finais

Estruturada por meio de um modelo narrativo construído a partir da concepção tradicional de drama, a notícia telejornalística vale-se de uma série de elementos dramáticos – como os personagens clássicos de vítima, vilão e mocinho. No caso das reportagens analisadas, observou-se que o primeiro papel preponderou em relação aos demais. Ao exibir fotos das pessoas que faleceram no maior desastre ambiental do país, bem como entrevistas com vítimas dessa tragédia, as matérias acionaram elementos narrativos de intensa carga emocional. Posto que a experiência de se assistir à TV é guiada pela emoção, tais imagens carregam profundo potencial de comover a audiência.

As imagens-sintoma do caso Samarco, acompanhadas pelas passagens dos repórteres em meio ao cenário de destruição de Bento Rodrigues, contribuem para instaurar o sentido de presença suscitado pela vivência televisiva. Dessa maneira, conduz-se o enunciário rumo ao interior da história contada, criando condições para se ampliar o envolvimento emocional do telespectador.

Na cobertura de um desastre ambiental, a responsabilidade social do Jornalismo exige mais do que mostrar as vítimas. Nas duas matérias que constituíram o objeto de análise deste artigo e que compuseram, na edição analisada, a cobertura do *JN* sobre o caso Samarco, a abordagem construída pelo programa privilegiou a tristeza resignada. Não houve um tratamento dos fatos crítico ou contextualizado. Optou-se pelo caminho comodamente hipócrita de uma prática jornalística restrita a despertar comoção por meio da dor alheia.

Referências

- AGÊNCIA BRASIL. 2015. Rompimento da barragem é a maior catástrofe ambiental do Brasil, diz ministra. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-11/rompimento-da-barragem-e-maior-catastrofe-ambiental-do-brasil-diz-ministra>. Acesso em: 01/06/2018.
- AGÊNCIA MINAS. 2016. Polícia Civil conclui primeiro inquérito referente ao rompimento da Barragem de Fundão. Disponível em: <http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/policia-civil-conclui-primeiro-inquerito-referente-ao-rompimento-da-barragem-de-fundao>. Acesso em: 01/06/2018.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. 2016. Comissão externa do rompimento de barragem na região de Mariana (MG) – Relatório final. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1457004&filenome=REL+2/2016+CEXBARRA%3E. Acesso em: 01/06/2018.
- CHARAUDEAU, P. 2009. Informação, emoção e imaginários a propósito do 11 de Setembro de 2001. In: D. DAYAN (org.), *O terror espetáculo: terrorismo e televisão*. Lisboa, Edições 70, p. 71-86.
- COMITÊ BRASILEIRO DE BARRAGENS. 2012. *Barragens de rejeitos no Brasil*. 1ª ed., Rio de Janeiro, CBDB, 306 p.
- COUTINHO, I. 2012. *Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG*. 1ª ed., Rio de Janeiro, Mauad X, 247 p.
- FECHINE, Y. 2008. *Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta*. 1ª ed., São Paulo, Estação das Letras e Cores, 256 p.
- FERRÉS, J. 1998. *Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas*. 1ª ed., Porto Alegre, Artmed, 288 p.
- G1. 2016. PF conclui inquérito da tragédia de Mariana e indícia 8 pessoas. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2016/06/pf-conclui-inquerito-da-tragedia-de-mariana-e-indicia-8-pessoas.html>. Acesso em: 01/06/2018.
- JORNAL NACIONAL. 2015a. Desastre ambiental de Mariana completa um mês. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/desastre-ambiental-de-mariana-mg-completa-um-mes/4657251/>. Acesso em: 01/06/2018.
- JORNAL NACIONAL. 2015b. Polícia Civil de Minas Gerais identifica mais quatro corpos em Mariana. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/policia-civil-de-mg-identifica-mais-quatro-corpos-em-mariana/4657282/>. Acesso em: 01/06/2018.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. 2015. Governo federal anuncia plano de recuperação do rio Doce. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/index.php/comunicacao/agencia-informma?view=blog&id=1284>. Acesso em: 01/06/2018.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. 2016. Recuperação do Rio Doce terá R\$ 20 bilhões. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/index.php/comunicacao/agencia-informma?view=blog&id=1465>. Acesso em: 01/06/2018.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL. 2016. SRTE divulga relatório da ação fiscal sobre o rompimento da barragem em Mariana. Disponível em: <http://trabalho.gov.br/noticias/3299-superintendencia-do-trabalho-em-minas-gerais-divulga-relatorio-da-acao-fiscal-sobre-o-rompimento-da-barragem-em-mariana>. Acesso em: 01/06/2018.

- MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. 2016. Ação civil pública com pedido de liminar inaudita altera pars. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/mg/sala-de-imprensa/docs/acp-samarco>. Acesso em: 01/06/2018.
- O GLOBO. 2015. Acidente em Mariana é o maior da História com barragens de rejeitos. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/acidente-em-mariana-o-maior-da-historia-com-barragens-de-rejeitos-18067899>. Acesso em: 01/06/2018.
- SAMARCO. 2018. Produto. Disponível em: <http://www.samarco.com/produto/>. Acesso em: 01/06/2018.
- TRIGUEIRO, A. 2003. Meio ambiente na Idade Média. In: A. TRIGUEIRO (org.), *Meio ambiente no século 21: especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro, Sextante, p. 75-90.
- UOL. 2015. Laudo de 2013 alertou sobre riscos de ruptura de barragem em Mariana (MG). Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/11/06/laudo-de-2013-fez-alerta-sobre-riscos-de-ruptura-de-barragem-em-mariana-mg.htm>. Acesso em: 01/06/2018.
- WOLTON, D. 1996. *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. 1ª ed., São Paulo, Ática, 320 p.

Submetido: 23/09/2017

Aceito: 10/06/2018